

Duas versões da dedicatória de *Os Estrangeiros*, de Sá de Miranda

Marcia Arruda Franco*

O Infante Dom Henrique, quando era Arcebispo de Braga, teria mandado pedir a Sá de Miranda uma cópia manuscrita das suas comédias, logo que foram encenadas nesta cidade, nos anos trinta do século XVI. Em torno do Infante gravitava uma corte de letrados, e talvez por isso, Sá de Miranda lhe dedicou a sua primeira comédia, *Os Estrangeiros*. Desta carta-dedicatória é conhecida uma versão manuscrita da primeira metade do século XVI, cujo interesse, dado o teor de auto-reflexão poética desse tipo de texto, está em trazer, relativamente à versão impressa em 1561, variantes significativas que nos auxiliam a compreender a forma de produção, a circulação e a expectativa de recepção das primeiras comédias escritas em português. Tal objetivo será aqui perseguido através de uma comparação das duas versões da carta, a impressa e a manuscrita, não sem antes tecermos algumas considerações acerca da versão manuscrita, dos seus destinatários e das circunstâncias das primeiras impressões tipográficas das comédias mirandinas.

No século XVI, a obra dramática de Sá de Miranda parece ter tido o seu êxito na roda do Infante Dom Henrique e de seu devoto irmão Dom Duarte. Das quatro cópias manuscritas conhecidas da carta-dedicatória, três foram dirigidas ao Infante Dom Duarte (EARLE, 2000 e REMÉDIOS, 1933), que morreu em 1540 com 25 anos, dedicando-lhe, porém, a sua segunda comédia, *Os Vilhalpandos*. Duas cópias da carta a Dom Duarte, separadas de *Os Vilhalpandos*, aparecem em códices da Biblioteca Municipal de Évora e da Biblioteca Nacional de Lisboa (EARLE, 2000: 161, n. 41). O manuscrito que contém uma versão da segunda comédia mirandina, precedida da dedicatória a Dom Duarte, está na Real Academia de la História de Madrid. Em suma,

* Doutorou-se pela UFRJ com tese sobre Sá de Miranda; em 2001, teve editado o livro “Sá de Miranda, um poeta no século XX”, com apoio do IPLB, pela Angelus-Novus. É professora da Universidade de São Paulo. Recentemente, em 2005, foi publicado pela mesma editora outro livro sobre o mesmo poeta: “Sá de Miranda, poeta do século de ouro”.

Sá de Miranda dedicou a primeira comédia a Dom Henrique e a segunda a Dom Duarte usando a mesma carta-dedicatória (*Idem*: 161).

Alertando-nos a respeito do tipo de espectadores quinhentistas das comédias mirandinas, Damião de Góis nos informa que Dom Duarte

[f]oi mui devoto, e abstinente, e trouxe muito tempo hum silicio entre a carne, e a camisa, com tanto segredo que nunca se pode saber pelas pessoas que o vestiam, e despiam, senam per ocasiam, poucos dias antes que falecesse (GÓIS, 1909-10: 118).

Dom Duarte nasceu em 1515 nos Paços da Ribeira, casou-se em 1536 com a irmã de Dom Teodósio, Duque de Bragança, e, ainda seguindo o relato goisiano, teria previsto a sua própria morte.

Sá de Miranda (1487) é 25 anos mais velho do que o Cardeal (1512) e 28 do que Dom Duarte, por isso, pôde orientá-los, em sua dedicatória, dirigida ora a um ora a outro, para a recepção do valor literário da imitação inerente ao gênero novo, quando talvez estivessem de partida para a Itália. Na versão manuscrita, há também uma outra lembrança a fazer aos supostos viajantes, a de manterem no estrangeiro o “coração tão largo”:

Qual a Comédia é tal vai aldeam e mal ataviada. Fiz-lhe somente duas lembranças a sua partida. Hia que fizesse o coração tão largo pera a terra a que hia onde lhe muito [cumpria]. Outra que nunca se desculpasse de querer a lugares arremedar Plauto e Terêncio. Antes a quem lhe tanta honra fizesse sempre e agradecesse muito e tomasse em lugar de grande louvor (*Manuscrito Asensio*, BNL, Res, microfilme F.1480, f.118).

Dom Duarte e Dom Henrique freqüentavam o mesmo círculo; na *Crónica de Dom Duarte*, André de Resende está freqüentemente referindo-se ao irmão eclesiástico. Quando Dom Duarte morre, o ilustre latinista foi posto ao serviço, como orador sacro, do então Inquisidor Geral, cujo interesse pelo teatro latino estaria documentado em arquivos de colégios jesuítas (EARLE, 2000: 162, n. 39-40). Além da encenação dos anos trinta, parece razoável supor que houve pelo menos mais duas encenações, uma em meados dos anos quarenta, quando o poeta modificou o prólogo com referências à escandalosa decisão de Francisco I em permitir a ancoragem da armada turca em Toulon, de outubro de 1543 a maio de 1544, e outra em fins dos anos cinquenta, logo após a morte do poeta em 1558 (*Idem*: 162). Estas apresentações deveram-se à iniciativa de Dom Henrique, leitor

assíduo das comédias mirandinas, segundo o biógrafo anônimo de Sá de Miranda. Na biografia publicada na edição de 1614 das obras poéticas de Miranda, afirma-se que, numa encenação, provavelmente a última referida, encontrava-se entre os espectadores o jovem protegido do Cardeal, Dom Jorge de Ataíde, nascido em 1535, e que em 1561 viajou a Roma para tomar parte nas deliberações do Concílio de Trento (*Idem, ibidem*). É de crer que os membros da corte eclesiástica de Dom Henrique, antes de viajarem à Itália, assistissem ou lessem as comédias romanas de Sá de Miranda, a fim de se instruírem sobre o lugar aonde iam. Segundo Thomas Earle, no período em que as comédias estavam sendo editadas, o próprio Cardeal tencionava ir a Roma, pois tinha sido candidato ao papado em 1559, obtendo 15 votos no conclave (*Idem, ibidem*). Para o professor de Oxford, talvez o Cardeal considerasse que apoiar a edição das comédias mirandinas indicasse a sua adequação ao trono de São Pedro (*Idem*: 163). Como Pio IV, o Infante Dom Henrique não só tolerava como se responsabilizava pelas produções artísticas.

Que a Cúria Romana propiciava a manifestação da alta cultura era bastante conhecido no século XVI. Sá de Miranda, como sacerdote de ordens menores que viveu na Itália como contínuo comensal de Dom Miguel da Silva, embaixador português junto ao papado, bem o saberia por experiência. Através da publicação dos últimos números do *Chartularium Universitatis Portugalensis* sabe-se não só o ano exato de nascimento do poeta, 1487, mas sobretudo acerca dos seus estudos em Roma, onde ter-se-ia doutorado ao menos em Direito Canônico. Thomas Earle chega a aventar a hipótese de a sua viagem à Itália ter sido bem mais longa do que se supõe, podendo ter durado de 1515 a 1526 (EARLE, 1997: 6 e 2003: 89, n. 9). Lembre-se a respeito que já em 1516, no *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, o poeta é chamado Doutor, provavelmente apenas em Leis. No entanto, o traço biográfico mais surpreendente agora revelado está na bula que libera Sá de Miranda para usar o hábito de Cristo só secretamente, talvez para poder acumular benefícios a fim de financiar os seus estudos em Roma (*Chartularium...*, vol.XII, nº 5268). De volta ao Reino português, doutor em ambos os direitos, deixando nas mãos do ordinário muitos desses benefícios, nada mais natural do que integrar a corte eclesiástica de Dom Henrique entre Coimbra e o Minho.

No capítulo “Do nascimento do Infante Dom Henrique, e das qualidades de sua Real pessoa, e algumas cousas que fez, e instituiu ate o tempo presente”, da *Crónica d’el Rei D.Manuel*, de Damião de Góis, (1909-10, v.5), Dom Henrique é apresentado como amigo das Letras: “Sabe bem latim, ouvio Grego, Hebraico, e Mathematicas, Philosophia, e Theologia, e de tudo entende bem os principios” (GÓIS, 1909-10, v.5, p. 116). E também “he muito amigo dos homens inteiros, e virtuosos” (GÓIS, 1909-10, v.5, p. 117), como Sá de Miranda, que se julgava o

“homem dum só parecer, / dum só rosto e d’ua fé”. Damião de Góis ainda nos informa que o Infante Dom Henrique,

... tem mui bons homens em seu serviço, e letrados eminentes em todo genero de faculdades, olha muito por elles, fazendolhes muitas merces, pera que nem por descuido, nem por necessidade deixem de fazer o que entendem (GÓIS, 1909-10, v.5, p. 118)

Em suma, a *Crónica d’elRei D. Manuel* nos justifica a dedicatória manuscrita de *Os Estrangeiros* e de *Os Vilhalpandos*, lançando luz no tipo de relação existente entre Sá de Miranda, o Infante Dom Henrique e Dom Duarte. Consciente de que introduzia um gênero novo em Portugal para um público eclesiástico, o poeta encerra a carta-dedicatória de *Os Estrangeiros*, aceitando o amparo do Infante, Inquisidor Geral desde 1539.

Cerca de três décadas antes da edição de suas poesias, as comédias de Sá de Miranda foram impressas em Coimbra nos anos seguintes à sua morte. Em 1559, João de Barreira edita o que parece ser uma versão não autorizada de *Os estrangeiros*. É uma edição extremamente rara de que se conhece um único exemplar egresso da Biblioteca de Fernando Palha para a da Universidade de Harvard. Esta edição agrupa-se na mesma família textual da versão de *Os Estrangeiros* guardada no manuscrito da BNL, anterior a 1559, e, em determinadas passagens, em melhores condições (EARLE, 2001: 36). A edição de João de Barreira não traz nenhuma carta-dedicatória, por exemplo. Esta versão da carta-dedicatória de *Os estrangeiros*, que agora comparamos com a impressa em 1561, permaneceu apenas manuscrita. Em 1560 e 1561, em Coimbra, as duas comédias são editadas por António de Maris, com o apoio do Cardeal Infante Dom Henrique. A segunda impressão de *Os Estrangeiros* vem a lume não só com uma nova versão da carta-dedicatória ao Cardeal Infante, mas sobretudo com o que parece ser a versão definitiva, totalmente revista e aprimorada da comédia (*Idem*: 35-44).

A versão manuscrita da dedicatória, provavelmente, foi redigida muito antes de 16 de dezembro de 1545, quando o Inquisidor Geral torna-se Cardeal. No texto da carta é referido Lodovico Ariosto como se ainda estivesse vivo, o que leva a supor que a dedicatória manuscrita, seja a de *Os Estrangeiros* ao Infante Dom Henrique ou a de *Os Vilhalpandos* a Dom Duarte, tenha sido feita antes de 1533, ano da morte do autor do *Orlando Furioso*. Na versão manuscrita há mais informações acerca do comediógrafo italiano, como se Sá de Miranda estivesse ensinando quer ao Infante Dom Duarte, quer ao Infante Dom Henrique quem era Ariosto: “Também Ariosto, natural de

Ferrara, homem nobre de muitas Letras e de muito engenho, em hua sua Comédia Italiana assi mesmo em prosa meteu a pessoa dum doutor”. Na versão impressa, por sua vez, o autor da dedicatória parece supor que o destinatário da mesma já conheça a obra de Ariosto, tencionando insistir tão só na compreensão do mecanismo criativo da *imitatio*:

Tam-/bem lhe acoymassem a pessoa de hum Doctor, como tomada de Ludovico Ariosto, *quel* lhes posesse diante os tres avogados de Te/rencio, dos quaes hum nega, outro affirma,/ o terceiro duvida, como inda cada dia acontece: assi que des aquelle tempo vem já o furto,

Nesta referência a Ariosto interessa sobretudo entender a recepção de suas comédias por parte de Sá de Miranda. No período em que viveu na Itália considera-se possível que o poeta tenha assistido a algumas peças do comediógrafo de Ferrara, grande centro cultural onde se desenvolveu, em torno da corte do Príncipe d’Este, o gosto pelas representações cênicas (REMÉDIOS, 1933: 1047-8). A peça diretamente almejada pela carta-dedicatória com a citação dos advogados de Terêncio em *Formião* (EARLE, 2003: 92, n. 17) seria, segundo Mendes dos Remédios e Thomas Earle (1997 e 2003), *Isuppositi*, encenada pela primeira vez na Itália no ano de 1509 (EARLE, 1997: 6, n. 9), numa versão em prosa, e também em 1519 e 1524, numa versão rimada. Nesta comédia há a “figura de um doutor”, o velho Doutor [Clenardo] que “disputa ao estudante Eróstrato a mão de uma [jovem], Polimnesta, desenvolvendo-se toda a acção nessa intriga, que termina pelo casamento dos dois jovens” (REMÉDIOS, 1933: 1049). O Doutor Petrônio de *Os Estrangeiros* também disputa a mão da jovem Lucrecia com outros dois pretendentes mais jovens, o soldado Briobris e o mancebo Amente.

Tanto na carta manuscrita como na impressa o título de doutor é objeto de uma argüição; posto abaixo do “comedimento” do título de filósofo, na carta impressa, o doutor chega a ser caracterizado como um novo bárbaro:

não se enganem co nome de Doctor no/vo, barbaro, & presuntuoso, como são muitos títulos, assi dos escriptores, como das o-/bras dos nossos tempos, tão differentes do// comedimento dos passados, como foy o de/ Philosopho dado por Pythagoras.

Na biografia anônima, o doutor Sá de Miranda, logo depois que o Cônego seu pai morre, recusa o desembargo. Cabe perguntar se também recusou o exercício

do direito eclesiástico, dedicando-se apenas à imitação dos antigos. Recusaria exercer ambos os Direitos em que se doutorara? Sabe-se que não recusa a comenda das Duas Igrejas, que lhe é outorgada por Dom João III, ostentando agora abertamente o hábito de Cristo e casando-se com Dona Briolanja de Azevedo, cerca de 1530.

É impossível não ver nas palavras de Ariosto, no prólogo em prosa de *I suppositi*, em que confessa o que deve ao teatro clássico, o modelo das palavras de Sá de Miranda na carta-dedicatória:

Dallo Eunuco di Terenzio e dalli Captivi di Plauto ha parte dello argomento. Non solo nelle costumi, ma negli argomenti ancora delle favole, vuole essere degli antichi e celebrati poeti, a tutta sua possanza, imitatore, modestamente, che Terenzio e Plauto medesimi, risapendolo, non l'arebbono a male, e di poetica imitazione piú presto che di furto gli darebbono nome. (REMÉDIOS, 1933: 1049).

Se nas duas versões da dedicatória mirandina importa caracterizar a imitação como inerente ao processo criativo do teatro antigo, o termo *imitatio* nunca é usado, quer na carta manuscrita,

Mas digo eu que se logo por isso fora defeso a todos fazer outro tanto, não houvera nas comédias antigas tantos enganados de escravos, tantos pais apertados, filhos pródigos, soldados bravos. Quanto mais que Ariosto não foi o primeiro. Há destes avogados em Terêncio, onde um afirma, outro nega e outro duvida. Já Túlio ameaçava seu amigo Trebácio, tamanho jurisconsulto, com as graças de Labério, e veio todavia a cair nas de Horácio, os comentos me perdoem, que al cuidavam. Assi que a Invenção antiga é

quer na versão impressa,

Tulio cõ/ que ameaçava já seu amigo Trebacio, tama /nho Jurisconsulto, se não com as graças de / Laberio? & Oracio cõ quantas de suas gra-/ças passa hum sermão co mesmo Trebacio?/

Nas duas versões, adverte que não é preciso desculpar-se por “querer a lugares arremedar Plauto e Terêncio” “porque em outras partes lhe fora grande louvor”. Na versão impressa, porém, a palavra usada para caracterizar a *imitatio* é justamente

“furto”: “assi que des aquelle tempo vem ja o furto”. Em outras palavras, importa a Sá de Miranda caracterizar o furto como processo criativo digno de louvor, enquanto no prólogo de *I Suppositi*, Ariosto prefere logo, como se diz, “dar nome aos bois”, chamando o processo criativo de “imitação poética” e não de “furto”. No Auto de Inês Pereira publicado em 1562, a didascália interessa para a questão da introdução do novo gênero em Portugal. Os homens de bom saber queriam verificar se Gil Vicente *furtava* de outros os argumentos das suas farsas. Provocaram o dramaturgo que escrevesse uma farsa para o dito: “mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube”. A farsa de Inês Pereira afirma a criatividade vicentina contra o furto dos imitadores dos antigos? À dramaturgia vicentina corresponderia um conceito criativo oposto ao furto ou a *imitatio*, característico da poesia palaciana ibérica, onde a originalidade era medida pelo engenho?

Por outro lado, a independência de Sá de Miranda se mostra ao preferir sempre a linguagem da prosa em suas comédias, o que deixa claro no prólogo de *Os Estrangeiros*, mesmo sabendo, como de certo o saberia, que o comediógrafo de Ferrara reescreveu as suas comédias na linguagem elegante dos versos. Para Sá de Miranda, o discurso “forçado pelos consoantes”, característico da dramaturgia vicentina, soaria mais artificial na “pintura da vida comum” que caracteriza a comédia.

Esta compreensão da comédia como um gênero referencial do cotidiano encontra-se na versão impressa da carta-dedicatória: “a Comedia tão estimada nos tempos antigos, / que al disseram aquelles grandes engenhos *quel* era, senão hua pintura da vida commum, á / dos Principes se repartio a Tragedia” (MIRANDA, 1561), mas não na versão manuscrita. Aí, em contrapartida, encontra-se uma referência ao trabalho do comediógrafo como um passatempo que, apesar de remontar a uma invenção dos tempos antigos, ao contrário do moderno título de doutor, pode ser visto como afim da caça e do jogo e por isso isento da necessidade de louvor:

Assi que a invenção antiga é, ainda que o título de doutor não seja antigo, nem daquele comedimento que foi o de filósofo, mas, ilustre senhor, é como dizem andar polas ramas, que mui levemente pudera passar a perda deste trabalho e muito mais a do louvor. O trabalho tomai por meu passatempo. Assi como alguns caçam outros jogam, no louvor nunca cuidei:

Nas duas versões da dedicatória permanece o temor de ter o seu trabalho mal interpretado. No manuscrito da BNL, referindo-se à hermenêutica bíblica por parte dos protestantes, aqui hereges, admite:

o de que sempre houve medo foram más interpretações a que se não pode fugir em nenhuma maneira, tanto que os hereges, interpretando mal, todos querem fundar seus erros na sagrada escritura e o diabo também.

Na carta impressa em 1561:

Todos/ estes, & outros muitos inconvenientes eu / passava levemente, o mais que arreceava e- /rão más interpretações a cada passo, ás qua/es quem pode fugir, se té os hereges quãtos / são tambe traze a Sagrada Escripura em sua / ajuda interpretãdo mal, é o diabo tãbe.

O problema da má interpretação, entretanto, poderia ser remediado. Na versão manuscrita, paralelamente às duas lembranças do início, há dois remédios; na impressa, coerentemente com a omissão da primeira lembrança, a de fazer o “coração tão largo”, há apenas um remédio. No MS da BNL: “A isso houvera dous remédios: não escrever e dormir meu sono em cheo e o melhor é o segundo, pois já não podia dormir [,] como Horácio diz: fora romper ou queimar tudo”; na versão de 1561:

A is-/to tudo ouvera algu remedio, que era o do fo-/go, mas ao mādado de V.A. que farey? Salvo o-/bedecer, é pedirlhe que epare estes estrãgeiros/ como faze os grãdes Principes, é de cujo epa-/ro sómente cõfiaõ os que vão por terras alheas.

Ou seja, na versão impressa é descartada a possibilidade de substituição da escrita pelo sono ou pelo fogo. Não será possível seguir o preceito radical e exigente de Horácio.¹ De fato, o mecenato do inquisidor impede nas duas versões da carta-dedicatória a destruição ou a queima dos manuscritos das comédias mirandinas, preservados também, como nos informa a versão manuscrita, pelo “coração dos amigos”. No remédio não aviado da auto-censura horaciana insinua-se o temor pelos cortes dos censores inquisitoriais, mais claramente no comentário da versão manuscrita, quando, referindo-se ao próprio manuscrito de *Os Estrangeiros* dedicado ao Arcebispo de Braga – ou ao já Inquisidor Geral –, Sá de Miranda teme pelas

¹ Não deixa de ser relevante lembrar outro texto em que o poeta admite não poder seguir profundamente Horácio. No terceiro soneto dedicado ao príncipe Dom João, também sobre o *labor limae*, o poeta confessa só seguir Horácio em aparência.

“mãos de inimigos” que censurariam trechos da sua comédia ou apenas pelas mãos de amigos copistas que modificariam o texto ao transcrevê-lo?

Este me assegurou depois ao tempo da necessidade, amigos me forçaram dele. O coração d'amigos foi, as mãos medo hei que me saiam d'imigos, salvo se Vossa Alteza mandar emparar Os Estrangeiros por seus como são, ou ao menos por estrangeiros, em que sempre se emprega bem o emparo.

De fato, não houve censura às edições quinhentistas do teatro mirandino, quer porque se tratava de comédias romanas, com enredo e personagens estrangeiros, quer porque Dom Henrique admirasse a introdução do teatro antigo em Portugal. As mãos de inimigos tardaram, mas chegaram ao texto de *Os Vilhalpandos* nas edições do século XVII, em que foram cortadas algumas cenas que se referiam ao desregramento dos padres romanos. Então o “coração tão largo” do Cardeal Infante Dom Henrique não deixou de causar espanto ao biógrafo seiscentista de Miranda, quando menciona a sua promoção das edições quinhentistas do teatro mirandino (MIRANDA, 1614, f.3v; REMÉDIOS, 1933: 1053 e 1057-1065; EARLE, 2000: 162).

As duas versões da carta-dedicatória terminam por justificar as falhas desta primeira comédia escrita em português como erros comuns em quem inicia algo novo. Sá de Miranda mostra-se consciente de introduzir um novo gênero dramático em Portugal e na língua portuguesa, justamente a comédia nova. “Em português escrevem poucos, nesta maneira d'escrever ainda ninguém que eu saiba. Aos que começam é dividido o perdão polo provérbio grego, eu com perdão só me a tentarei” é o fim da carta manuscrita. A versão impressa termina menos humildemente, como se o poeta, consciente da superioridade desta segunda versão de *Os Estrangeiros*, tivesse menos o que pedir, a não ser o perdão devido aos que começam: “Eu não vou pedindo, salvo perdão, este polo proverbio Grego he devido no começo das/ cousas. Nosso Sõr Sua vida, é real estado &c”.

Em ambas as versões da carta-dedicatória de *Os Estrangeiros*, Sá de Miranda aceita o amparo de Dom Henrique, o mecenas das comédias mirandinas. Para concluir, cabe citar o soneto que encabeça a primeira de três remessas que Sá de Miranda enviou ao príncipe Dom João, entre os anos 1550 e 1553, quando este lhe manda pedir as obras. A morte prematura do pai de Dom Sebastião em janeiro de 1554 pode explicar a não publicação imediata das obras poéticas de Sá de Miranda, o que só acontecerá postumamente em 1595. No soneto, o poeta lamenta o mau estado dos seus manuscritos, e passa novamente por um torturado processo de reelaboração horaciana das suas obras, ferindo-se, queimando-se e se afogando.

Sendo o soneto de auto-reflexão poética, note-se em favor do lirismo mirandino que a *queima* configura apenas o seu *labor limae*, mas sobretudo que o rogo do príncipe Dom João obrigaria mais o poeta do que o mandado de Dom Henrique:

A Pr[í]ncipe tamanho, cujo rogo,
 (E mais ós seus) ind'he mais que mandar,
 Que posso hial fazer, senão passar
 Pella agoa, pello ferro, & pello fogo?
 Se me firo, se me queimo, se [me] afogo
 Se dou de me às gentes que fallar,
 Levemente se pode desprezar
 Tal danno, & inda mal que não foi logo.

Mas era quasi tudo encomendado
 [À] traça, & a não sei que, com tal presteza,
 Com que j[á] quasi em pó tudo he tornado.

[J]'agora gram senhor tudo despreza
 Quem sae [à] praça por vosso mandado,
 Abasta o nome s[ó] de vossa Alteza.

(MIRANDA, 1595: fol.1)

Sá de Miranda sente-se mais agradecido com o mecenato do Príncipe Dom João do que com o do Infante Dom Henrique? Interessou-nos entender por que razão o teatro mirandino foi patrocinado pelo Cardeal. Se o príncipe D. João tivesse sido rei as obras dos poetas líricos portugueses teriam sido impressas muito antes da década de noventa do século XVI. Mas aí talvez nem tivesse havido o sebastianismo, o que sem dúvida seria um problema sério para a questão da identidade portuguesa.

Apêndice

1. Manuscrito Asensio – BNL

F de S

Carta sua ao Ifante dom Anrique

No que V. ^a manda não há que dizer mais. Qual a Comédia é tal vai aldeã e mal ataviada. Fiz-lhe somente duas lembranças a sua partida. Hua que fizesse o coração

tão largo pera a terra a que hia onde lhe muito [cumpria]. Outra que nunca se desculpassem de querer a lugares arremedar Plauto e Terêncio. Antes a quem lhe tanta honra fizesse sempre e agradecesse muito e tomasse em lugar de grande louvor. Também Ariosto, natural de Ferrara, homem nobre de muitas Letras e de muito engenho, em hua sua Comédia Italiana assi mesmo em prosa meteu a pessoa dum doutor. Mas digo eu que se logo por isso fora defeso a todos fazer outro tanto, não houvera nas comedias antigas tantos enganados de escravos, tantos pais apertados, filhos pródigos, soldados bravos. Quanto mais que Ariosto não foi o primeiro. Há destes avogados em Terêncio, onde um afirma, outro nega e outro duvida. Já Túlio ameaçava seu amigo Trebácio, tamanho jurisconsulto, com as graças de Labério, e veio todavia a cair nas de Horácio, os comentarios me perdoem, que al cuidavam. Assi que a invenção antiga é, ainda que o título de doutor não seja antigo, nem daquele comedimento que foi o de filósofo, mas, illustre senhor, é como dizem andar polas ramas, que mui levemente pudera passar a perda deste trabalho e muito mais a do louvor. O trabalho tomai por meu passatempo. Assi como alguns caçam outros jogam, no louvor nunca cuidei: o de que sempre houve medo foram más interpretações a que se não pode fugir em nenhuma maneira, tanto que os hereges, interpretando mal, todos querem fundar seus erros na sagrada escritura e o diabo também. A isso houvera dous remédios: não escrever e dormir meu sono em cheo e o melhor é o segundo, pois já não podia dormir como Horácio diz: fora romper ou queimar tudo. Este me assegurou depois ao tempo da necessidade, amigos me forçaram dele. O coração d'amigos foi, as mãos medo hei que me saiam d'imigos, salvo se Vossa Alteza mandar emparar Os Estrangeiros por seus como são, ou ao menos por estrangeiros, em que sempre se emprega bem o emparo. Em português escrevem poucos, nesta maneira d'escrever ainda ninguém que eu saiba. Aos que começam é dividido o perdão polo provérbio grego, eu com perdão só me a tentarei. Fim da carta.

2- Edição de 1561

DIRIGIDA AO

Iffante Cardeal

Dom Anrique

No que V. A. Manda, que/ se pode dizer mais? A Come-/ dia qual he, tal vay, Aldeaã, &/ mal ataviada. Esta só lembrã-/ça lhe fiz á partida, que se não/ desculpassem de querer ás vezes arremedar / Plauto, & Terencio, porque em outras par-/tes lhe fora grande louvor, & se mais Tam-/bem lhe acoymassem a pessoa de hum Doctor, como tomada de Ludovico Ariosto, que/ lhes possesse diante os tres

avogados de Te/rencio, dos quaes hum nega, outro affirma,/ o terceiro duvida, como inda cada dia acontece: assi que des aquelle tempo vem ja o furto, não se enganem co nome de Doctor no/vo, barbaro, & presuntuoso, como são muitos títulos, assi dos escriptores, como das o-/bras dos nossos tempos, tão differentes do/ comedimento dos passados, como foy o de/ Philosopho dado por Pythagoras. Tulio cõ/ que ameaçava já seu amigo Trebacio, tama /nho Iurisconsulto, se não com as graças de / Laberio? & Oracio cõ quantas de suas gra-/ças passa hum sermão co mesmo Trebacio?/ a Comedia tão estimada nos tepos antigos,/ que al disseram aquelles grandes engenhos *que!* era, senão hua pintura da vida commum, á/ dos Principes se repartio a Tragedia. Todos / estes, & outros muitos inconvenientes eu / passava levemente, o mais que arreceava e- /rão más interpretações a cada passo, ás qua/es quem pode fugir, se té os hereges quãtos / são tambe traze a Sagrada Escripura em sua / ajuda interpretãdo mal, é o diabo tãbe. A is-/to tudo ouvera algi remedio, que era o do fo-/go, mas ao mãdado de V. A. que farey? Salvo o-/bedecer, é pedirlhe que epare estes estrãgeiros/ como faze os grãdes Principes, é de cujo epa-/ro sómente cõfiaõ os que vão por terras alheas./ Eu não vou pedindo, salvo perdão, este polo proverbio Grego he devido no começo das/ cousas. Nosso Sõr Sua vida, é real estado &c.

Bibliografia

- Catalogue de la Bibliothèque de M. Fernando Palha*. Deuxième Partie. Belles-Lettres – Camoneana. Lisbonne, Imprimerie Libanio da Silva, 1896, p.105-108.
- Chartularium Universitatis Portugalensis* (1501-1510). Lisboa, INIC, 1991. Vol. X.
- _____.(1511-1520). Lisboa: JNICT, 1993, Vol. XI.
- _____.(1521-1525). Lisboa: JNICT, 1995, Vol. XII.
- _____.(1526-1529). Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999. Vol. XIII.
- EARLE, Thomas F. *The Comedy of The Foreigners. Renaissance Sicily through Portuguese eyes*. Oxford, Clarendon Press, 1997.
- _____.Sá de Miranda's Roman Comedy. In: *Cultural Links Between Portugal and Italy in The Renaissance*, e. K. J. P. Lowe. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- _____.Rhetoric and Drama: the two versions of Sá de Miranda's Os estrangeiros. In: *Culture and Society in Habsburg Spain*, ed. by Nigel Griffin et al. London: Tamesis, 2001.
- _____.Traição e amargura nas comédias de Francisco de Sá de Miranda. In: *Em Louvor da Linguagem – em homenagem a M. Leonor Buescu*. Lisboa: Colibri, 2003.
- GOIS, Damião de. *Crónica d'el-Rei D. Manuel*. Lisboa: Escriptorio, 1909/10. 12 vols. Vol. 5
- MIRANDA, Francisco de Sá de. *Comédia intitulado Os Estrangeiros*. Coymbra: Antonio de Maris, 1561.

- _____. *Comedia de Francisco de Sá de Miranda chamada hos Estrangeiros. Manuscrito Asensio-Pina Martins*, Lisboa, BNL, microfilme F 1480, fo.118-141.
- _____. *Os Estrangeiros*. In:- *Obras Completas*. (3ª ed.) Edição de Rodrigues Lapa. Lisboa: Sá da Costa, 1977. Vol.2
- _____. *As obras do celebrado lusitano, o doutor Frãcisco de Sá de Mirãda*. Lisboa, Manoel de Lyra, 1595.
- _____. *As obras do Doctor Francisco de Saa de Miranda*. Agora de novo impressas com a Relação de sua qualidade, & vida. Lisboa: Vicente Alvarez, 1614.
- REMÉDIOS, Mendes dos. *As Comédia de Sá de Miranda*. *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, v. XI, p.1038-1076, 1933.

Resumo

São conhecidas duas versões da carta-dedicatória de *Os estrangeiros*, comédia que inaugura o gênero em Portugal e na língua portuguesa, uma impressa e outra manuscrita. Por meio de uma comparação entre as duas versões é possível entender a forma de produção, circulação e recepção desse gênero novo em meados do século XVI português.

Palavras-chave: Sá de Miranda; comédia; *imitatio*; mecenato clerical; tipografia quinhentista

Abstract

There are known two versions of the carta-dedicatória *Os estrangeiros*, the comedy that introduces the genre in Portugal and in the Portuguese language, one printed and the other manuscript. Through a comparison of both versions it is possible to understand the means that it was produced, its circulation and how this new genre was received in Portugal, in the middle of the 16th century

Key-words: Sá de Miranda; comedy; *imitatio*; ecclesiastic support; 16th century typography